

#### -FERTILIZANTES

No Brasil, o volume de fertilizantes entregues, no período de janeiro a setembro de 1989, decresceu 15,1% em relação ao mesmo período do ano precedente, fixando-se em 5,7 milhões de toneladas de produto. Desse total de fertilizantes entregues, São Paulo absorveu a maior parte (31,6%), seguido do Paraná (16,8%), destinando-se o restante aos demais Estados. Segundo fontes do setor, essa tendência deverá permanecer até o final do ano.

Os principais fatores que condicionaram esse decréscimo nas vendas foram: a) escassez de recursos do crédito rural; b) retração na área plantada de soja, principal consumidora de fertilizantes; c) diminuição do consumo de fertilizantes na cultura de trigo; e d) conjuntura desfavorável para a comercialização de alguns produtos agrícolas, como soja e café.

Esse decréscimo nas vendas e o elevado estoque inicial contribuíram para que se registrasse retração tanto na produção nacional de fertilizantes (13,6%) como na importação (17,0%), no referido período.

O Conselho Interministerial de Preços (CIP), no período de agosto a outubro de 1989, autorizou três reajustes nos preços dos fertilizantes pagos pelos agricultores, tendo-se calculado acréscimos nesse período de 140,3% em média no caso dos fertilizantes formulados e de 138,0% para os simples, em relação a julho de 1989. O IGP acusou aumento de 164,9% de julho a outubro de 1989, enquanto que o Índice de Preços Recebidos pelos Produtores, calculado pelo IEA, aumentou apenas 80,6%.

Na análise de evolução das quantidades necessárias de diferentes produtos agrícolas para adquirir 10 toneladas de fertilizantes, informações preliminares para 1989 indicam que os produtores de soja e café sofreram perda de poder aquisitivo relativo ao dispêndio com fertilizantes, comparativamente ao ano anterior; em contrapartida, os de algodão-em-carço, cana-de-açúcar e milho apresentaram ganho de

poder aquisitivo, enquanto que os de arroz e laranja para indústria permaneceram praticamente no mesmo nível do ano precedente. Contudo, os produtores de laranja, que anteciparam suas compras para maio e junho, obtiveram relação de troca bastante favorável para a aquisição desse insumo (quadro 1).

Em novembro, o Governo determinou a liberação dos preços de fertilizantes controlados pelo CIP, conjuntamente com a liberação das importações de fertilizantes. Essas duas medidas deverão permitir maior liberdade de ação tanto para a agricultura como para a indústria, supondo-se que o mercado doméstico de fertilizantes sofrerá a concorrência do mercado externo, que servirá como balizador dos preços. É importante observar que, a época em que ocorre a maior demanda de fertilizantes no Brasil coincide com o período de entressafra agrícola nos principais países exportadores mundiais de fertilizantes, quando existe, então, certa disponibilidade desse insumo.

Nesse sentido, o Ministério da Fazenda deverá encaminhar à Comissão de Política Aduaneira (CPA) uma proposta de revisão das alíquotas de importação, para criar melhores condições para implantação dessa nova política. Da parte dos agricultores e de suas entidades de representação haverá necessidade de uma atuação eficiente para aproveitamento das oportunidades comerciais que vierem a surgir.

#### -TRATOR

A atual política econômica implementada pelo Governo Federal, com o objetivo de conter o crescimento do déficit público, considerado o principal foco gerador de tensão inflacionária, teve profundo reflexo sobre o setor agrícola. A opção por uma política creditícia apertada, ou seja, com acentuada redução no volume de recursos disponíveis por parte dos agentes financeiros governamentais, destinados ao crédito rural tanto para custeio como para investimen-

to, deixa claro a prioridade do Governo para com os problemas de curto prazo em relação aos de longo prazo, uma vez que os cortes nos recursos para investimentos apresentaram queda mais intensa.

O impacto de tais medidas sobre o mercado de tratores foi imediato, pois a demanda por este bem de capital é muito sensível às bruscas variações no montante de crédito disponível, o que terminou por provocar decréscimo generalizado na quantidade de tratores comercializados no mercado interno. Segundo estimativas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), em 1989, as vendas de tratores para o mercado doméstico estão situadas entre 29.000 a 33.000 unidades. Caso estes números se consolidem, isto significará um dos mais fracos resultados obtidos pela indústria de tratores na década de 80.

Apesar de o quadro conjuntural ser de incertezas e de dificuldades, em função do acirramento do processo inflacionário, conjuntamente com a especulação praticada no mercado financeiro, o qual funciona como inibidor do investimento no setor produtivo, pois este tipo de aplicação proporciona uma taxa de retorno mais elevada e com a vantagem de oferecer menores riscos, ainda assim, os termos de relação de troca (unidades de produtos agrícolas necessárias para se adquirir um trator), se mostrava favorável aos agricultores para quase todos os produtos agrícolas em função de vários fatores.

Observe-se que para o trimestre de maio a julho de 1989 em comparação com igual período de 1988, a relação de troca se mostrou praticamente estável tanto para o arroz como para a laranja de indústria, enquanto que havia ganho de poder aquisitivo para a compra de trator para algodão, amendoim, batata, café, feijão, milho e tomate. Por outro lado, somente para a cana-de-açúcar e a soja, a relação foi desfavorável no referido período (quadro 2).

Os principais fatores que condicionaram esse comportamento: a) no período de janeiro a julho de 1989, o reajuste médio de preços obtidos pelo setor de tratores (96,6%) foi inferior à variação acumulada do Índice Geral de Preços (IGP), da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que foi de 229,33%, sendo positivo para os agricultores, tendo em vista que os preços dos produtos agrícolas acompanharam bem de perto a

variação do IGP; b) a conjugação de redução da oferta de algodão com a previsão de aumento de demanda acarretou a elevação de preço para a fibra de algodão; c) a contração da oferta de amendoim, no período de maior comercialização, aliada às excelentes condições climáticas, que proporcionaram um produto de boa qualidade, permitiram bom preço no mercado; d) a fixação dos preços da batata a níveis considerados baixos pelos produtores durante o período de vigência do Plano Verão, teve como resultado, posteriormente, a redução da quantidade ofertada, ocasionando a elevação de seu preço; e) a relação de troca se encontrava favorável para o café, tendo em vista que o período analisado (maio a julho) antecede a queda do preço do produto no mercado internacional, a qual teve início somente a partir do final de julho, não possibilitando, portanto, captar seus reflexos sobre a relação de troca; e f) a quebra da safra de feijão, em função de problemas climáticos no sul do País, agiu de modo a pressionar o preço do produto no sentido ascendente.

A relação de troca foi desfavorável para a cana-de-açúcar, em face do preço ter permanecido praticamente constante durante todo o primeiro semestre de 1989. No caso da soja, a perda de poder aquisitivo pode ser explicada, principalmente, pela queda no preço do produto no mercado internacional.

Contudo, a partir de agosto/89, a relação de troca tornou-se desfavorável para todos os produtos, sem exceção. Entre os fatores que agiram no sentido de reverter o desempenho da relação de troca que prevalecia até o final do primeiro semestre, poder-se-ia enfatizar que qualquer sistema econômico submetido a uma situação de incertezas e com elevadas taxas de inflação tem como resultado a distorção dos preços relativos da economia, afetando de maneira distinta os diversos produtos bem como seus respectivos mercados. Esta assimetria de preços, torna-se mais nítida quando se analisa o mercado agrícola, impedindo que o mesmo possa desempenhar o papel de sinalizador para decisões de investir por parte dos diversos agentes econômicos.

Este efeito diferenciado produzido pela aceleração do processo inflacionário levou a indústria de tratores a recompor os preços de seus produtos de forma mais intensa, em razão

da existência de acentuadas defasagens entre os custos de produção e os preços de venda final. No bimestre de setembro a outubro, o setor teve um reajuste médio de 139,4%, enquanto que o acumulado de janeiro a outubro totalizou cerca de 596,2%. Ainda, assim, este índice foi inferior ao IGP de igual período, o qual chegou a 773,6%. Portanto, a tendência é de que a defasagem entre custos e preços continue a ser reduzida, uma vez que o Conselho Interministerial de Preços (CIP) deixou de ter controle absoluto sobre a fixação de preços para o setor tendo em vista a implantação das Câmaras Setoriais compostas por representantes da indústria, fornecedores, revendedores e do próprio Governo.

## -RAÇÕES

A indústria de rações como setor especializado surgiu no Estado de São Paulo na década de 40, utilizando como matéria-prima resíduos da indústria de moagem de trigo, com recursos tecnológicos rudimentares e relacionava-se com as atividades de pecuária leiteira, principalmente, no Vale do Paraíba, e de criações domésticas.

Somente na década de 60, em resposta ao desenvolvimento da pecuária e, em especial, da avicultura, instalou-se a moderna indústria de rações, atrelada, principalmente, à de óleos e já influenciada por conceitos avançados em nutrição animal, o que ampliou as alternativas nas formulações de rações balanceadas, que passaram a acompanhar os requerimentos nutricionais das raças híbridas desenvolvidas geneticamente. A indústria de óleos oferece subprodutos como os farelos de soja, amendoim, caroço de algodão e germe de trigo para a indústria produtora de ração que passara a incorporar, a partir da década de 70, um novo padrão tecnológico oriundo de capital internacional, e que fez crescer, também, o grande capital de origem nacional.

O setor também se relaciona com os frigoríficos, abatedouros e "graxarias", para a obtenção das farinha de carne, de sangue, de ossos e vísceras e de forma não muito intensa e mais, recentemente, com a agroindústria cana

vieira no aproveitamento da vinhaça.

O setor desempenha, com relação à agricultura, os papéis de comprador de matéria-prima, mesmo que já processada, e de fornecedor de insumos, com diferentes inserções no mercado. A indústria de rações balanceadas fornece basicamente misturas de alimentos em proporções exigidas para cada espécie ou classe de animais e, segundo estimativa da Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (ANFAR), sua produção representa 35% da produção total de rações no País.

A maior parcela da produção (45%) corresponde às indústrias que se integram verticalmente com o agricultor na produção de aves e suínos, fornecendo-lhes matrizes, rações e assistência técnica, para posteriormente comprar, processar e comercializar a produção. Essas integradoras têm aumentado suas participações na produção total de rações nos últimos anos.

Ao nível das propriedades agrícolas, tem-se verificado uma tendência dos produtores de elaborar suas próprias rações, adquirindo concentrado <sup>(1)</sup> ou premix <sup>(2)</sup> no mercado para misturar aos alimentos, como o milho plantado na própria granja ou mesmo adquirido no mercado. Essa é uma tendência, inclusive, ao nível mundial e não somente no Brasil e os produtores alegam, como motivação para tal procedimento, o maior controle da qualidade do insumo e menores custos.

Atualmente, a agroindústria de rações, devido a um lento crescimento na produção de carnes e à tendência verificada acima, vem operando com uma capacidade ociosa ao redor de 40%, conforme informação do Sindicato Nacional da Indústria de Rações Balanceadas (SINDIRAÇÕES), enquanto a totalidade da indústria de transformação opera com ociosidade de 21%, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Por isso mesmo, é um setor que responde com presteza à qualquer aumento de demanda, uma vez que não existem grandes problemas na obtenção de matéria-prima e quando, eventualmente, esse problema ocorre, principalmente em relação ao milho, recorre-se à importação.

A produção brasileira de rações no período de 1985 a 1987 apresentou crescimento de 31,8%. Em 1988, apresentou queda de 4,3% na produção total, em relação a 1987, tendência

<sup>(1)</sup> Contém a parte protéica, as vitaminas e os minerais, deve-se misturar a parte energética que é o milho.

<sup>(2)</sup> Composto de vitaminas e minerais para misturar aos alimentos.

que se verifica para 1989, segundo previsão da ANFAR. A atividade que consome a maior fatia da produção de ração é a avicultura industrial (de corte e postura), ou seja, em torno de 58% do total no período 1985-88, divididos em 40% para avicultura de corte e 18% para avicultura de postura. O segundo segmento de maior demanda é a suinocultura, com valores em torno de 28%; segue-se a pecuária bovina com 10%, restando 4%, para ração destinada a outros (quadro 3).

Nessa divisão de participação, segundo a destinação, até setembro de 1989, observa-se algumas alterações pertinentes. O decréscimo da participação da suinocultura é compensado pelo aumento da participação da avicultura e outros. A suinocultura sofreu um desestímulo com a importação de 60 mil toneladas de carne suína isentas de qualquer taxa em presença de baixos preços das carnes bovina e de aves. Com isso, no primeiro semestre de 1989, os criadores de suínos tiveram grandes prejuízos, que já vinham se acumulando desde 1987-88. Em setembro de 1989, os preços apresentaram acentuada queda em relação a junho, não repassada ao consumidor, o que poderia elevar a demanda. Outro segmento que vem despontando, é o mercado de ração para equinos e animais domésticos, um mercado restrito mas de bom poder aquisitivo <sup>(3)</sup>.

A produção das indústrias associadas ao SINDIRAÇÕES por estados do Brasil mantém a tendência observada nos últimos cinco anos com Santa Catarina liderando a produção, com participação em torno de 30%, seguido por São Paulo com 25% e Paraná com 17% (quadro 4).

Nos setores de avicultura industrial e suinocultura, localizados na Região Sul, produtores e cooperativas estão comprando concentrados e premix para produzir sua própria ração. Os agricultores que preparam sua própria ração estão incluídos no item de outros produtores, cuja participação no atendimento da demanda aumentou de 45% em 1987 para 51,3% em 1988 (quadro 5).

Com relação aos preços de ração e concentrados coletados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), na cidade de São Paulo, de setembro de 1988 a setembro de 1989, esses apre-

sentaram variações nominais abaixo do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) (1.198,0%) e do Índice Geral de Preços (IGP-DI) (1.215,9%). Os preços de farelos de soja e de milho, utilizados na mistura com ração, também apresentaram variações abaixo da inflação, de 584% e 846%, respectivamente (quadro 6).

A partir de agosto de 1989, a indústria de rações foi enquadrada no regime de liberdade vigiada de preços, através da Comissão Interministerial de Preços (CIP). Segundo o SINDIRAÇÕES, esse procedimento vem afetando o setor no repasse de custos, dado o grande número de indústrias pequenas e médias que o compõem e considerando-se, portanto, que o mesmo possui elevada competitividade.

Quanto à tributação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), instituído em maio de 1989, os fabricantes de ração nos Estados do Paraná e, mais recentemente, São Paulo (01/09/89) e Minas Gerais obtiveram o diferimento do seu pagamento, ou seja, o recolhimento é efetuado somente no produto final da pecuária, variando a base de cálculo conforme a espécie e não nas etapas intermediárias da produção, com a argumentação de evitar-se a cumulatividade do imposto e facilitar a fiscalização.

A previsão para demanda de ração em 1989 ficará em torno de 14.010 mil toneladas, ou seja, o mesmo consumo do ano passado, apesar de o setor estar considerando o mercado dentro da normalidade <sup>(4)</sup>. Dado que o mercado de frango apresenta tendência de crescimento no Brasil, conseqüentemente o consumo de ração, também, seria maior que a produção inicialmente prevista pelo SINDIRAÇÕES.

<sup>(3)</sup> Suma Agrícola, nº 235, outubro de 1989, p.5.

<sup>(4)</sup> De acordo com o Sindicato das Indústrias de Rações (SINDIRAÇÕES).

QUADRO 1. - Unidades de Produtos Agrícolas<sup>(1)</sup> Necessárias para Adquirir 10 Toneladas de Fertilizantes<sup>(2)</sup>, Estado de São Paulo, 1985-89

Ano	Algodão em caroço		Arroz em casca		Café beneficiado		Cana-de-açúcar		Milho		Soja		Laranja p/ indústria	
	15kg	Índice <sup>(3)</sup>	60kg	Índice <sup>(3)</sup>	60kg	Índice <sup>(3)</sup>	t	Índice <sup>(3)</sup>	60kg	Índice <sup>(3)</sup>	60kg	Índice <sup>(3)</sup>	cx.40,8kg	Índice <sup>(3)</sup>
1985	406	100	183	100	7	100	182	100	370	100	192	100	796	100
1986	301	74	173	94	10	142	249	137	302	82	182	95	539	68
1987	605	149	391	214	20	285	183	100	582	157	245	128	1.328	167
1988 <sup>(4)</sup>	752	185	423	231	21	300	299	164	660	178	204	106	657	83
1989 <sup>(5)</sup>	546	134	420	229	42	600	227	125	496	134	321	167	655	82

<sup>(1)</sup> Preço médio da safra, que geraria a disponibilidade de recursos para aquisição do insumo para o ciclo seguinte.

<sup>(2)</sup> Preço médio anual ponderado, posto São Paulo.

<sup>(3)</sup> Índice simples, base 1985 = 100.

<sup>(4)</sup> Dado preliminar, sujeito à revisão.

<sup>(5)</sup> Dados preliminares, considerando-se as primeiras estimativas para os preços médios anuais dos produtos e de fertilizantes.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 2. - Unidades de Produtos Agrícolas Necessárias para Adquirir Tratores de 44CV e 61CV, Estado de São Paulo, 1984-89<sup>(1)</sup>

Produto	Unidade	1985		1986		1987		1988		1989	
		44CV	61CV	44CV	61CV	44CV	61CV	44CV	61CV	44CV	61CV
Algodão	15kg	1.295	1.712	1.233	1.667	1.991	2.477	3.120	4.189	2.559	3.477
Amendoim	sc.25kg	1.144	1.513	1.336	1.795	2.692	3.349	2.279	3.059	1.402	1.905
Arroz	sc.60kg	611	807	680	913	1.382	1.719	1.505	2.020	1.472	2.001
Batata	sc.60kg	658	871	300	403	550	683	1.356	1.820	531	721
Café	sc.40kg	241	318	104	140	479	596	808	1.085	583	792
Cana-de-açúcar <sup>(2)</sup>	tonelada	748	989	966	1.298	913	1.136	1.892	2.540	2.684	3.647
Feijão	sc.60kg	241	319	248	334	220	274	557	748	218	297
Laranja-indústria <sup>(3)</sup>	cx.40,8kg	2.870	3.796	3.577	4.806	4.732	5.886	4.604	6.181	4.621	6.278
Milho	sc.60kg	1.204	1.593	1.169	1.570	2.154	2.679	2.547	3.420	2.310	3.139
Soja	sc.60kg	690	913	715	961	964	1.199	1.009	1.354	1.505	2.044
Tomate <sup>(4)</sup>	tonelada	84	111	117	157	136	169	266	357	225	305

<sup>(1)</sup> Tomou-se como base os preços recebidos pelos agricultores e os preços de tratores referentes à média do trimestre maio-julho de cada ano.

<sup>(2)</sup> Preços referentes a corte e transporte.

<sup>(3)</sup> Utilizou-se como base de preço da fruta a cotação de suco de laranja na Bolsa de Nova York.

<sup>(4)</sup> Refere-se a tomate para indústria.

QUADRO 3. - Produção de Ração<sup>(1)</sup> pelas Indústrias Sindicalizadas, Segundo a Destinação e Estimativa de Produção Total, Brasil, 1985-89

Ano	Avicultura								Pecuária bovina		Outros animais		Subtotal sindicalizada		Total geral <sup>(2)</sup>
	Corte		Postura		Total		Suinocultura								
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t
1985	2.966	41,8	1.315	18,5	4.281	60,3	2.029	28,6	573	8,1	213	3,0	7.096	100,0	11.238
1986	3.084	39,3	1.347	17,2	4.431	56,5	2.381	30,4	735	9,4	294	3,7	7.841	100,0	13.607
1987	3.204	39,4	1.449	17,8	4.653	57,2	2.314	28,5	854	10,5	305	3,7	8.126	100,0	14.814
1988	2.965	42,9	1.117	16,2	4.082	59,1	1.702	24,6	828	12,0	298	4,3	6.910	100,0	14.179
1989	2.198	53,9 <sup>(3)</sup>	634	15,5 <sup>(3)</sup>	2.839	69,4 <sup>(3)</sup>	462	11,3 <sup>(3)</sup>	492	12,1 <sup>(3)</sup>	293	7,2 <sup>(3)</sup>	4.079	100,0 <sup>(3)</sup>	14.010 <sup>(4)</sup>

<sup>(1)</sup> Inclui rações completas, concentrados e convertidos.

<sup>(2)</sup> Inclui todos os tipos de produtores.

<sup>(3)</sup> Janeiro a Setembro.

<sup>(4)</sup> Previsão do Sindicato das Indústrias de Rações para o ano todo.

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Sindicato das Indústrias de Rações (SINDIRAÇÕES).

QUADRO 4. - Produção de Rações pelas Indústrias Sindicalizadas, Principais Estados, 1985-88

Estados	1985		1986		1987		1988	
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%
Santa Catarina	1.998,0	28,2	2.345,0	29,9	2.245,0	27,6	2.068,2	29,9
São Paulo	1.842,0	25,9	2.054,2	26,2	2.205,9	27,1	1.985,9	28,7
Paraná	1.335,0	18,8	1.308,0	16,7	1.310,7	16,1	1.093,1	15,8
R. G. do Sul	645,0	9,1	703,4	9,0	793,0	9,8	642,3	9,3
Minas Gerais	468,0	6,6	498,2	6,3	516,6	6,4	376,3	5,4
Pernambuco	292,5	4,1	404,5	5,1	496,7	6,1	341,7	4,9
Rio de Janeiro	202,5	2,9	227,3	2,9	234,6	2,9	154,9	2,2
Goiás	187,0	2,6	131,5	1,7	128,9	1,6	87,5	1,3
Outros	126,0	1,8	169,3	2,2	194,6	2,4	160,1	2,5
Brasil	7.096,0	100,0	7.841,4	100,0	8.126,0	100,0	6.910,0	100,0

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos do Sindicato das Indústrias de Rações (SINDIRAÇÕES).



QUADRO 5. - Estimativa da Demanda de Rações Completas no Brasil e Participação dos Fornecedores, 1987 e 1988

Tipo	1987			1988		
	Total (1.000t)	Sindicato <sup>(1)</sup> (%)	Outros <sup>(2)</sup> (%)	Total (1.000t)	Sindicato <sup>(1)</sup> (%)	Outros <sup>(2)</sup> (%)
Aves						
Corte	6.254,1	51,2	48,8	6.176,0	48,0	52,0
Postura	3.159,0	45,9	54,1	3.007,9	37,1	62,9
Bovinos	929,9	91,8	8,2	857,1	96,6	3,4
Suínos	4.133,3	56,0	44,0	3.808,0	44,7	55,3
Outros animais	339,0	90,0	10,0	330,0	90,0	10,0
Total	14.814,0	55,0	45,0	14.179,0	48,7	51,3

(<sup>1</sup>) Refere-se ao total de rações completas produzido pelas indústrias de ração sindicalizadas, já computado o volume de concentrados transformados em rações completas.

(<sup>2</sup>) Estimativas de rações completas produzidas por criadores e cooperativas (que produzem a própria ração) e outras indústrias não sindicalizadas.

Fonte: Sindicato das Indústrias de Rações (SINDIRAÇÕES).

QUADRO 6. - Preços Médios de Rações, Cidade de São Paulo, Setembro de 1988 a Setembro de 1989

Destinação e tipo de ração <sup>(1)</sup>	Ração			Concentrado		
	Set./88 (Cz\$/kg)	Set./89 (NCz\$/kg)	Variação (%)	Set./88 (Cz\$/kg)	Set./89 (NCz\$/kg)	Variação (%)
Ave						
Corte crescimento	81,48	0,86	955	134,05	1,17	773
Postura	67,35	0,76	1.028	101,54	0,98	865
Bovino						
Lactação	58,74	0,66	1.024	71,28	0,80	1.022
Suíno						
Engorda	66,80	0,73	993	125,54	0,97	673

(<sup>1</sup>) Os tipos de ração foram escolhidos de acordo com a importância do volume consumido.

Fonte: Elaborado a partir de dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA).